Imagens da Educação

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COM JOVENS E ADULTOS CAMPONESES: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA EM MARANHÃO, BRASIL[1]

COMIC BOOKS WITH YOUNG AND ADULT PEASANTS: ANALYSIS OF AN EXPERIENCE IN MARANHÃO, BRAZIL

HISTORIETAS CON JÓVENES Y ADULTOS: ANÁLISIS DE UNA EXPERIENCIA EN MARANHÃO, BRASIL

Gustavo Cunha Araújo[2]
Gilmar Ferreira Amorim[3]

Resumo
A pesquisa tem como objetivo compreender como a história em quadrinhos pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem no que concerne a leitura e escrita de estudantes jovens e adultos do 8° e 9° anos de uma classe multisseriada do Ensino Fundamental, em uma Escola Municipal do Estado do Maranhão, Brasil. De abordagem qualitativa e de caráter bibliográfico e interpretativo, esta pesquisa-ação utilizou como instrumentos metodológicos a observação das aulas de Arte e questionário semiestruturado aplicado ao professor e estudantes da turma pesquisada de EJA na escola do campo. Os resultados da pesquisa indicam que as histórias em quadrinhos podem ser importantes instrumentos metodológicos para o processo de ensino e aprendizagem desses educandos, no que se refere ao aprendizado da escrita e motivação para a leitura.
Palavras-chave: Arte; Escrita e Leitura; Educação do Campo; Ensino e Aprendizagem.

Abstract
The aim of the research is to understand how comics can contribute to the teaching and learning process in reading and writing of 8th and 9th grade students/young and adult education (multi-grade class) of Elementary School of a Municipal School in State of Maranhão, Brazil. From a qualitative approach and bibliographic and interpretative aspect, this action research used as methodological instruments the observation of the Art classes and a semi-structured questionnaire applied to teacher and students of the group studied in the young and adult peasants at a rural school. The results of the research indicate that comic books can be important methodological instruments for the teaching and learning process of these students, regarding learning to write and motivating to read.
Keywords: Arts; Reading and Writing; Rural Education; Teaching and Learning.

Resumen
La investigación tiene como objetivo comprender cómo las historietas pueden contribuir al proceso de enseñanza y aprendizaje con respecto a la lectura y escritura de estudiantes jóvenes y adultos de octavo y noveno grado en una escuela primaria de varios grados en una escuela secundaria municipal del Estado de Maranhão, Brasil. Con un enfoque cualitativo y un carácter bibliográfico e interpretativo, esta investigación-acción utilizó como

[1]Pesquisa realizada no âmbito do Grupo de Pesquisa em Artes Visuais e Educação (GPAVE/CNPq).

[2]Doutor em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP). Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação e no Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Tocantins (UFT). ORCID: http://orcid.org/0000-0002-1996-5959 Lattes: http://lattes.cnpq.br/3011641878605040
E-mail: gustavocaraujo@yahoo.com.br
[3]Graduado em Educação do Campo pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador da Universidade Federal do Tocantins - UFT. ORCID: http://orcid.org/0000-0002-4402-5969
Lattes: http://lattes.cnpq.br/9172885457245186 E-mail: gilmaruft@gmail.com

instrumentos metodológicos la observación de clases de Arte y cuestionarios semiestructurados aplicados al profesor y estudiantes del grupo investigado de Educación de Jóvenes y Adultos en la escuela de campo. Los resultados de la investigación indican que las historietas pueden ser herramientas metodológicas importantes para el proceso de enseñanza y aprendizaje de estos estudiantes, con respecto al aprendizaje de la escritura y la motivación para la lectura.
Palabras-clave: Arte; Escritura y Lectura; Educación Rural; Enseñanza y Aprendizaje.

Introdução

Esta pesquisa resulta de um projeto de investigação maior realizado no norte do Tocantins e sul do Maranhão a respeito da formação de professores em artes[4] nesses Estados, coordenado por um de seus autores. Tem como principal objetivo compreender como a história em quadrinhos pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem de estudantes jovens e adultos do 8° e 9° anos de uma classe multisseriada, nas aulas de Arte, em uma Escola Municipal localizada no povoado de Nunes Freire, Amarante, Estado do Maranhão, Brasil. Buscamos promover o contato direto dos alunos com algumas revistas referentes ao gênero Histórias em Quadrinhos – HQ, com o objetivo também de refletir sobre as principais características dessa linguagem e a sua relação com a leitura e a escrita, além da possível contribuição da HQ enquanto recurso pedagógico para as aulas de Arte.

De acordo com Nascimento e Ribeiro (2014), a partir de 1996 a disciplina de Arte foi inserida como obrigatória no currículo educacional, ao atender a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB n. 9.394/96 (Brasil, 2017a). Com isso, a Arte passou a ser obrigatória nas escolas como disciplina e não como atividade, como ocorria na época da Lei n. 5.692/71 (Brasil, 1971). Porém, essa LDB não deixou claro se ocorreria em todos os anos da Educação Básica (Barbosa, 2003; 1994). Contudo, é notório que apenas essa Lei não é suficiente para a aceitação e maior respeito ao ensino de Arte na Educação Básica do país.

É importante ressaltar que além do ensino de arte ser obrigatório por Lei, é de grande relevância para a fomentação crítica dos indivíduos, capazes de participarem e atuarem enquanto cidadãos em prol do desenvolvimento e crescimento de uma nação. Entretanto, a importância dessa disciplina nas escolas diminuiu nos currículos escolares, chegando a se cogitar, por diversas vezes, as possibilidades de extingui-la da Educação Básica, devido a Reforma do Ensino Médio, Lei n. 13.415/2017 (Brasil, 2017b) e a construção não democrática da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, em 2018 no Brasil (Brasil, 2017c).

O artigo está dividido em três momentos, a saber: o primeiro faz um apanhado dos procedimentos metodológicos utilizados na investigação. Em seguida fazemos uma breve discussão teórica com autores que abordam a temática da arte e da educação, além de pesquisas referentes à Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a Educação do Campo, ou seja, nos baseamos nas matrizes teóricas da arte/educação e da educação, fundamentais para a produção de reflexões nesta pesquisa. Na sequência apresentamos as análises realizadas a partir das observações feitas na escola do campo pesquisada e dos questionários aplicados a estudantes jovens, adultos e professor de Arte. Por fim, socializamos algumas conclusões e resultados desta pesquisa realizada numa escola pública do campo no Estado do Maranhão.

[4]Utilizamos neste artigo o termo “artes” para nos referirmos à área de conhecimento e “Arte” para nos reportarmos à disciplina curricular da Educação Básica.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa é de abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica e pesquisa de campo (Bogdan & Biklen, 2010). Como estratégia metodológica, se caracteriza como uma pesquisa-ação (Thiolent, 1987) e se baseia na perspectiva interpretativa na forma de análises dos dados (Erikson, 1985).

Em consonância com essa abordagem, a pesquisa interpretativa nos auxiliou a levantar algumas questões que foram pertinentes no trabalho de campo realizado e das quais entendemos terem sido importantes e adequadas ao desenvolvimento desta investigação: a) o que acontece nas ações desenvolvidas na escola pesquisada? b) como essas ações envolvem os estudantes da EJA e professores? c) onde esses acontecimentos são organizados? d) o que acontece nessa escola é diferente do que ocorre em outras instituições? Para chegarmos a essas respostas, as observações realizadas nas aulas de Arte nos ajudaram a produzir inferências válidas das ações desenvolvidas nesse espaço e que se tornaram significativas para a pesquisa interpretativa, analisadas neste artigo.

É importante assinalar que os instrumentos metodológicos utilizados para coleta de dados nessa pesquisa se referem a questionários semiestruturados aplicados a 20 (vinte) alunos do 8° e 9° anos da turma da EJA (classe multisseriada) e para a professora dessa turma de uma escola pública de Ensino Fundamental localizada no município de Amarante, Estado do Maranhão; observação direta das 6 (seis) aulas Arte desenvolvidas com a turma pesquisada, além de leituras e análises de algumas histórias em quadrinhos produzidas por esses discentes.

É essencial destacar que, enquanto pesquisadores, tivemos participação ativa na geração dos dados e no envolvimento com os participantes desta investigação. Diante disso, adotamos como estratégia metodológica a pesquisa-ação, pois buscamos desempenhar um papel ativo nos problemas encontrados no campo de pesquisa (Thiolent, 1987), relacionados aos processos de leitura e escrita de estudantes jovens e adultos de uma escola do campo.

> A pesquisa-ação pode abranger uma comunidade geograficamente concentrada (favela) ou espalhada (camponeses). Em alguns casos, a delimitação empírica é relacionada com um quadro de atuação, como no caso de uma instituição, universidade etc. (Thiolent, 1987, p. 66).

Vale ressaltar que os sujeitos dessa pesquisa foram os alunos da turma de 8° e 9° anos da EJA dessa escola (classe multisseriada), composta por alunos com idades entre 15 (quinze) a 30 (trinta) anos, homens e mulheres, sendo que cerca de 70% desses alunos são indígenas. O grupo de alunos é caracterizado tanto por moradores de Amarante-MA, quanto do povoado Campo Formoso-TO, além de indígenas que residem em aldeias vizinhas à escola. No entanto, durante a realização da pesquisa, algo nos chamou a atenção: a maioria desses participantes desta investigação se locomove até a escola de moto; outros em um carro popularmente conhecido como “pau-de-arara” fornecido pela prefeitura municipal de Amarante; outros que moram mais perto, ou que não são contemplados com o transporte fornecido pela prefeitura, vão a pé até essa instituição escolar.

Resultados e discussão

Entendemos que é possível utilizar as histórias em quadrinhos na produção de conhecimento e no processo de ensino e aprendizagem de educandos jovens e adultos

camponeses, ao representar a realidade desses sujeitos. Para corroborar essa afirmação no contexto camponês, Caldart (2009, p. 33), salienta que o jovem e adulto do campo tem a "[...] sua natureza e seu destino profundamente ligados ao trabalho no campo e, consequentemente, às lutas sociais dos trabalhadores e da solução dos embates de projetos que constituem a dinâmica atual do campo". Isso implica dizer que a Educação do Campo[5] atende aos anseios de um povo que luta por seus direitos, na qual deve ser voltada as suas necessidades de aprendizagem, principalmente relacionadas à leitura e a escrita.

Nessa diretriz, Lima (2013) disserta que os currículos não podem focar apenas nos conhecimentos propostos pelo livro didático, mas em outras referências (artísticas, por exemplo), importantes para uma formação mais plena do indivíduo. Por isso a Educação do Campo é fundamental, uma vez que é a afirmação social dessas pessoas, valorização de sua condição enquanto sujeitos históricos e luta por condições melhores de trabalho, vida e educação no território rural.

Com essa reflexão, é preciso que o processo de ensino e aprendizagem se refira ao aluno como um todo, com suas diferenças e limitações a fim de explorar as suas potencialidades, importantes para que ele avance em sua aprendizagem. Além do ensino no campo, é necessário um olhar para as turmas multisseriadas e Educação de Jovens e Adultos (EJA), como é o caso desta investigação, pois ainda é bastante frequente nas escolas do campo essas turmas. A esse respeito, Janata e Anhaia (2015, p. 686) conceituam a multisseriação como sendo "[...] uma forma de organização escolar em que alunos de diferentes idades e tempo ou níveis de escolarização (o que conhecemos por série) ocupam uma mesma sala de aula, sob a responsabilidade de um mesmo professor".

Embora esse tipo de ensino ocorra na educação brasileira há bastante tempo, traz desafios pertinentes ao desenvolvimento pleno do processo de ensino e aprendizagem do estudante. No entanto, quando temos em uma mesma sala de aula séries/anos diferentes e idades também distintas, o cuidado ao selecionar métodos e conteúdos se intensifica, bem como saber lidar com as dificuldades dos próprios alunos para que consigam superá-las e que possam aprender.

Nesse raciocínio, um dos pontos tratados é a questão da idade e a sua permanência na escola, características da diversidade do alunado presente na Educação de Jovens e Adultos. A EJA surgiu da necessidade de garantir o acesso e a permanência de jovens e adultos na escola que, por diferentes motivos, não conseguiram terminar seus estudos quando eram crianças ou adolescentes, em razão da necessidade de trabalhar, cuidar da família, entre tantos outros. Nesse cenário, a LDB n. 9.394/96 vem com a finalidade, pelo menos na teoria, de garantir legalmente esse direito fundamental do indivíduo, conforme o fragmento abaixo:

> Art. 37 - A Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria ... § 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas ... (Brasil, 2017a).

Na esteira dessas reflexões, Arroyo (2007) lembra que o direito a educação para todo cidadão brasileiro, inclusive para aquele jovem e adulto posto na constituinte possibilitou um avanço na democracia. Políticas públicas começaram a serem criadas, porém, não fazia muito sentido para os órgãos públicos criarem essas políticas aos povos camponeses. É por isso que

[5] A respeito do conceito de Educação do Campo na educação brasileira, conferir Costa e Cabral (2016).

o autor questiona: que direitos os povos do campo têm? São vistos de forma abstrata ou em sua concretude? Essas indagações feitas por esse autor são atuais, pois, em nosso entendimento, os jovens e os adultos não são muito bem vistos pelos órgãos públicos, que os excluem das tomadas de decisões na sociedade, principalmente no que se referem aos seus direitos de estudarem, trabalharem e permanecerem no campo.

Com esses questionamentos, Arroyo (2007, p. 161) deixa claro que é preciso avançar "[...] no reconhecimento das especificidades e das diferenças", no qual estão incluídos os camponeses. Com efeito, aponta que a escola, transformadora e emancipadora, pode contribuir para a garantia dos direitos dos jovens e adultos do campo.

Diante da defesa do direito a educação as populações camponesas, é preciso fortalecer a escola do campo, pois faz parte da identidade do camponês, bem como sua cultura, arte, trabalho e a terra (Arroyo, 2007). Desse modo, considerar essas especificidades, bem como os saberes e vivências dos jovens e adultos, é fundamental para elaborar políticas públicas para a formação de professores para o território rural.

Com base nesse cenário, Freitas e Silva (2016) asseveram que as produções acadêmicas sobre a Educação do Campo com foco na EJA desenvolvidas no Brasil nos últimos anos reforçam que a educação serve apenas para formar mão de obra qualificada, não considerando o campo como território de vida, saberes, educação e trabalho do camponês. Por isso da necessidade de se produzir mais estudos sobre esse tema, uma vez que ainda há lacunas que precisam ser preenchidas na EJA do campo, principalmente no que se refere à formação de professores para o meio rural.

Uma das formas levantadas por Freitas e Silva (2016) para impulsionar as pesquisas sobre a formação de professores é continuar na luta por elaboração e efetivação de políticas públicas de formação docente para o campo, como também problematizar esse tema em eventos científicos, cursos de graduação e de pós-graduação, enfim, lutar por uma demanda que é urgente e crescente na Educação do Campo: formar professores para as escolas camponesas.

Sob essa perspectiva, Machado (2016) assevera que a EJA, embora se refira a escolarização de jovens e adultos, não deve ser reduzida apenas a esse conceito, pois sua história na educação brasileira é permeada por lutas e mobilizações pelo direito ao acesso e permanência do jovem e do adulto (do campo e da cidade) na escola. Ou seja, a EJA se configura não apenas como uma modalidade educacional, mas uma educação e aprendizagem ao longo da vida.

Ao refletir sobre a Educação de Jovens e Adultos, Di Pierro (2015) salienta que por mais que essa modalidade tenha sido institucionalizada na legislação, que tenha financiamento do poder público (embora insuficiente para suprir suas demandas), e pelo fato de não estar presente no sistema de avaliação (somado as taxas altas de abandono do jovem e adulto e resultados ruins na aprendizagem), tem pouca visibilidade na educação brasileira. Como revela a autora, é necessário ampliar o debate acerca da EJA na pesquisa educacional.

Importa chamar a atenção, entretanto, que as conquistas voltadas aos direitos dos jovens e adultos se intensificaram com a "[...] mobilização e expressão da sociedade civil frente ao poder público, tendo nos Fóruns de EJA regionais e estaduais seus principais movimentos de defesa e reconhecimento dessa modalidade para a educação brasileira nos dias atuais". (Araújo & Oliveira, 2015, p. 193). Contudo, é fundamental trabalhar com esses sujeitos a partir de políticas públicas efetivas, uma vez que o ensino nessa modalidade deve atender as necessidades de aprendizagem e a realidade de cada indivíduo que volta a escola

para continuar e concluir seus estudos, para que possam, enfim, exercerem o seu direito à educação.

Práticas pedagógicas em artes com jovens e adultos camponeses

Iniciamos as análises com a imagem abaixo, ao revelar a real situação do deslocamento de estudantes, professores e equipe escolar para trabalharem na escola do campo analisada. Observamos que essa situação é característica da maioria das escolas rurais: infraestrutura precária, geralmente sem materiais didáticos apropriados para os educandos, às vezes sem água potável e, também, sem transporte público que leve com segurança e conforto os estudantes e professores para a escola.

Figura 1: Imagem do deslocamento até a escola.

Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Além disso, notamos que a estrada que leva até a escola não é bem estruturada, por isso nós, na condição de pesquisadores, saímos por volta das 06h00min da manhã para coletar os dados nessa instituição escolar. Esse "ritual" se repetiu ao longo de quase 3 (três) meses, o que deixa evidente o desinteresse do poder público em investir nas escolas localizadas no meio rural.

Em diálogo com essa reflexão, Freitas e Silva (2016, p. 182) fazem uma importante observação: o direito negado ao estudo de jovens e adultos do campo está presente na maioria das pesquisas sobre esse tema na literatura científica brasileira. Por ser um problema histórico, reflete não apenas o não cumprimento do Estado para com o direito à escolarização desses sujeitos, mas evidencia a própria ausência de políticas públicas específicas e mais efetivas para esse povo. Essa situação "[...] nos revela a posição marginal dada a EJA e a formação de seus educadores no Brasil".

> A EJA do campo constitui espaço de sujeitos diversos: posseiros, agricultores familiares, assentados da reforma agrária, comunidades rurais. Assim, pensar a EJA do campo exige o reconhecimento e compromisso com a diversidade dos sujeitos que vivem no e do campo, de suas culturas,

> histórias, práticas e experiências educativas assumidas e desenvolvidas por eles (Freitas & Silva, 2016, p. 180).

Ou seja: a carência de professores com formação específica para lecionar na EJA, muito devido à falta de instituições próximas ao campo, ou mesmo presentes nesse lugar, condições precárias das escolas localizadas no meio rural, entre outros problemas, agravam a continuidade dos estudos de tantos jovens e adultos.

Ao iniciarmos as coletas de dados nas aulas de Arte na turma multisseriada, a nossa equipe de pesquisa (composta por dois pesquisadores) iniciou os conteúdos sobre o contexto histórico de surgimento da HQ e como construir uma história em quadrinhos ao longo das aulas. Assim, distribuímos 10 (dez) revistas de história em quadrinhos de artistas brasileiros como Maurício de Sousa e Ziraldo aos alunos, para que eles pudessem lê-las e conhecerem um pouco como eram essas revistas. Entretanto, quando todos começaram a ler, um fato nos chamou a atenção: averiguamos que o aluno "E"[6] não lia as histórias e, nesse momento, verificamos que ele ainda não era alfabetizado. Foi então que auxiliamos o discente na leitura, lendo as histórias em voz alta para que ele pudesse participar da aula e ter a chance, também, de conhecer um pouco mais essa arte.

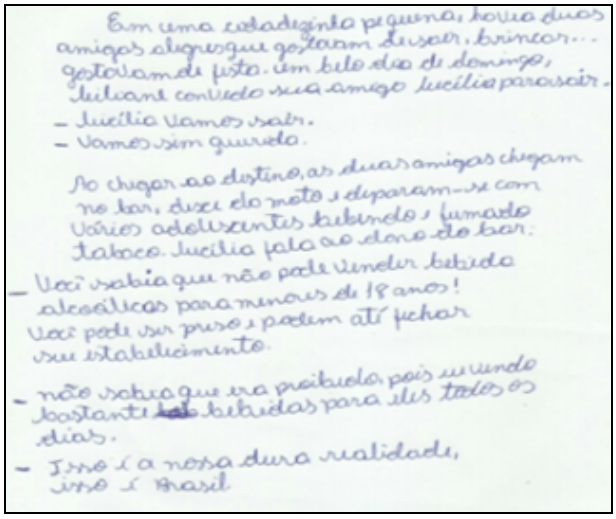
Em seguida fomos interrompidos pelo sinal da escola indicando o final daquele primeiro turno. Posteriormente, saímos e almoçamos na própria escola, pois essa instituição oferece almoço para as turmas de EJA. No período da tarde, explicamos à turma as principais características das histórias em quadrinhos (sequência de imagens, onomatopeias, enquadramentos entre outros elementos que a constituem). Descrevemos também como elaborar uma história em quadrinhos: iniciar por meio de um texto verbal (sem os desenhos) e, após o seu término, elaborar os desenhos dos personagens, cenários, enquadramentos, onomatopeias e demais elementos presentes nessa linguagem. É importante assinalar que a construção dessas histórias se iniciou na primeira aula e se estendeu ao longo das demais aulas[7] observadas e analisadas nesta pesquisa.

Após orientá-los de como construir histórias em quadrinhos, solicitamos a turma para que, inicialmente, pensasse em uma história para iniciar o trabalho, que podia ser uma história real (já vivenciada pelo aluno) ou criada (imaginação). Nesse momento, todos começaram a escrever as suas histórias. Paralelo a isso, continuamos trabalhando com alfabetização com o aluno "E". Momentos depois, alguns alunos, como a estudante "A", iam ao nosso encontro na sala de aula mostrar as histórias em processo de criação, nos questionando como poderiam melhorá-las, ou mesmo, para solucionar algumas dúvidas que surgiam nesse momento, como, por exemplo, quantas páginas deveriam ter as histórias. Em geral, observamos que os alunos estavam concentrados na produção dos trabalhos. Alguns trechos dos textos verbais que os alunos fizeram podem ser visualizados abaixo:

[6]Com o objetivo de atender os princípios éticos da pesquisa com seres humanos, identificamos os alunos participantes desta pesquisa por códigos, para preservar os seus anonimatos. É importante assinalar que a escola pesquisada autorizou, via documento assinado, a realização desta pesquisa.

[7]Em uma das 6 (seis) aulas aplicamos o questionário para todos os alunos da turma, com exceção ao estudante "E", no qual trabalhamos alguns conteúdos de alfabetização.

Figura 02: Trecho de uma história verbal dos quadrinhos produzido pela aluna C.



Fonte: Elaborada pela aluna C.

Após o término dos textos verbais, solicitamos aos jovens e adultos camponeses para iniciarem a construção dos desenhos dessas histórias (cenários, personagens entre outros elementos). É importante dizer que os alunos elaboraram as histórias no decorrer das aulas e as levaram para casa, com o objetivo de continuarem os trabalhos e, posteriormente, finalizarem nas aulas de Arte da escola pesquisada. Essa metodologia se justifica pelo fato da carga horária dessa disciplina ser pequena, pouco mais de 1 (uma) hora aula por semana; portanto, não daria tempo de terminarem as histórias se as fizessem apenas em 6 (seis) aulas na escola, durante o período de coleta dos dados desta investigação.

Verificamos nessas histórias alguns aspectos interessantes: tamanhos diferentes dos balões e com poucas palavras no interior deles (onde deveriam ser introduzidas as falas do narrador). Diante disso, solicitamos aos alunos que digitassem em letras pequenas as falas e colassem nos devidos locais referentes a cada personagem nos quadrinhos. Foi nesse momento que a turma se dirigiu a secretaria da escola para fazer a digitação das falas e colocá-las em suas histórias. Nesse sentido, é importante assinalar que,

> Vale a pena proporcionar aos alunos jovens e adultos situações que lhes permitam compreender e refletir sobre os diferentes âmbitos da arte, ajudando-os a compreender a arte não apenas como lazer ou consumo, mas como área do conhecimento e como atividade profissional (Brasil, 2002, p. 139).

De maneira semelhante à citação acima, Araújo (2016) salienta que as artes têm importante papel na Educação do Campo por proporcionar ao jovem e adulto camponês construir novas ideias e conhecimento a respeito da sua realidade. Com esse raciocínio, as artes podem ser entendidas como um fenômeno expressivo, estético e criação essencialmente humana.

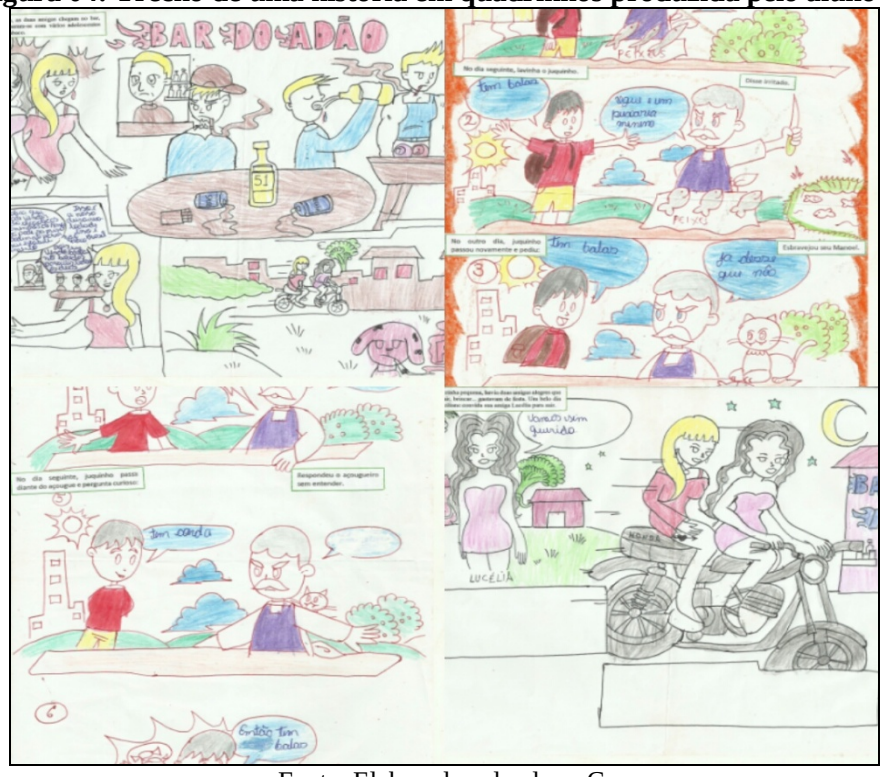
Para prosseguir com as análises, socializamos alguns momentos da pesquisa de campo a respeito da produção das histórias em quadrinhos com os jovens e adultos camponeses:

Figura 03: Momentos de construção das histórias em quadrinhos

Fonte: Elaborada pelos autores.

É preciso esclarecer que as histórias em quadrinhos se caracterizam por contar uma história através de uma sequência de imagens, constituída por texto verbal (palavras) e texto visual (desenhos) (Araújo, Costa & Costa, 2008). Essa mistura entre palavras e imagens permite que a mensagem seja transmitida ao leitor de uma forma mais objetiva e rápida, uma vez que contribui para a disseminação de informação e, consequentemente, para a produção de conhecimento. Logo abaixo, socializamos alguns trechos dos desenhos de histórias em quadrinhos produzidos pela turma de EJA:

Figura 04: Trecho de uma história em quadrinhos produzida pelo aluno C.



Fonte: Elaborada pelo aluno C.

Ao longo das observações, foi possível vislumbrar algumas dificuldades dos alunos com o uso da língua portuguesa, tanto na escrita quanto na fala, como, por exemplo, dificuldades para escrever palavras que alguns deles não conheciam, principalmente referentes aos termos característicos das histórias em quadrinhos, como onomatopeias, requadros entre outros. Constatamos também que parte desses alunos não conseguia construir uma sequência lógica de escrita: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Porém, notamos ao longo dessas aulas que esses problemas foram amenizados por meio da produção dessas histórias em quadrinhos, pois, na medida em que faziam os textos verbais, eles refaziam, corrigiam o que escreviam (semelhante aos desenhos que faziam e refaziam durante as aulas). Assim, ao questionarem essas palavras e expressões utilizadas nessas histórias criadas por eles, sendo a maioria desconhecidas de seu contexto, notamos que eles refletiam sobre a construção delas permeadas de experiências e histórias de vidas, importantes para ajudá-los a compreender as suas realidades por meio das artes.

Com relação aos trabalhos feitos por eles, é importante o professor considerá-los como autores e artistas dessas obras. É o professor que media as orientações desenvolvidas aos alunos, valorizando e incentivando-os no fazer artístico e na construção do conhecimento em artes, pois, "[...] um professor que entra em sintonia com as formas de vinculação de cada estudante com o saber está mais apto a investigar o aluno a atribuir significado as artes, resolver problemas e propor questões com suas poéticas pessoais" (Iavelberg, 2003, p. 10).

Isso nos ajuda a compreender que o professor que não valorizar os avanços alcançados pelos discentes e as dificuldades encontradas e superadas por eles nesse processo, pode fazer surgir neles sentimentos de baixa autoestima, por não terem conseguido corresponder às expectativas de aprendizagem. Dito com outras palavras, aprender artes implica desafios, uma vez que a subjetividade e a cultura do aluno são marcas pessoais do trabalho, por isso, é importante que o professor considere esses aspectos durante o seu processo de ensino e aprendizagem (Iavelberg, 2003). Desse modo, é possível promover condições melhores de vida humana no meio natural e social, como por exemplo, preservar o meio em que está inserido, uma vez que "[...] a arte tem papel fundamental na recuperação da cultura dos alunos, favorecendo sua identificação com os conteúdos de aprendizagem" (Iavelberg, 2003, p. 22).

Na análise aqui construída, constatamos que a produção de histórias em quadrinhos contribuiu para motivar o jovem e o adulto a escrever e ler mais; pois, "[...] a linguagem e os elementos dos quadrinhos, quando bem utilizados, podem ser aliados do ensino" (Santos & Ganzarolli, 2011, p. 67). Certamente, continuaremos a usar esse recurso pedagógico nas aulas de Arte na condição de professores e pesquisadores, uma vez que os estudantes jovens e adultos se empolgaram com os trabalhos feitos ao longo dessa disciplina e se sentiram mais motivados em querer aprender.

Em adição a essa análise, é importante salientar que a pesquisa realizada com esses discentes foi baseada nas teorias de Barbosa (1994; 2003), voltadas a abordagem triangular (tendência pedagógica contemporânea brasileira referente ao ensino de Arte que leva a produção de conhecimento) que se aplica a todos os conteúdos curriculares, ao enfatizar uma "[...] inter-relação entre o fazer, a leitura da obra de Arte (apreciação interpretativa) e a contextualização histórica, social, antropológica e/ou estética da obra" (Barbosa, 2003, p. 17). Com efeito,

> A arte como manifestação cultural da humanidade é componente imprescindível no processo de formação do ser humano. Na educação com o objetivo de preparação do exercício da plena cidadania com conhecimentos

> que tornem os alunos capazes de inserir-se na realidade de maneira crítica e criativa, torna-se fundamental discutir o papel da arte na formação desses alunos (Dal'Maso, 2011, p. 56).

À luz desse pensamento, entendemos que as histórias em quadrinhos devem ser trabalhadas dentro dessa abordagem, de modo que o professor faça a contextualização, ou seja, exponha o conteúdo, explicando características e o histórico do tema a ser explorado e desenvolvido pelos alunos, bem como promover o contato com a arte e, posteriormente, estimular a sua produção (Barbosa, 1994). Ter isso em mente foi importante para nosso trabalho enquanto pesquisadores no momento que os dados foram gerados no campo da pesquisa.

Conforme essas reflexões, entendemos que a educação deve levar em conta todos os elementos do contexto social e cultural dos estudantes, uma vez que cada jovem e adulto presente na sala de aula traz consigo seus saberes e culturas (Oliveira, 2007). Sendo assim, os estudantes camponeses devem ter os seus saberes considerados e valorizados no processo de ensino e aprendizagem na escola, pois, por terem voltado a esse espaço para concluir os seus estudos, trazem para essa instituição ricas experiências de vida que podem ajudá-los a construir conhecimento e, assim, ampliarem o seu entendimento de mundo.

Dito de outra maneira, independente se a turma é de classe multisseriada ou não, o professor deve considerar que os jovens e adultos ali presentes trazem consigo experiências e saberes construídos ao longo de suas vidas e que devem ser considerados no planejamento e desenvolvimento das aulas com a turma, inclusive, no próprio Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.

É fundamental destacar que os jovens e os adultos participantes da pesquisa são, em sua maioria, estudantes donas de casa, trabalhadores, com filhos e toda uma vida construída, com um leque de vivências, essenciais para a sua formação humana. Por isso entendemos ser importante conhecer a realidade deles. Além disso, nas idas e voltas na pesquisa de campo realizada na escola, vivenciamos um pouco mais sobre a rotina e acontecimentos do local onde se localizava a escola do campo e, isso, em nosso entendimento, influenciou na construção de suas histórias, ao refletirem o cotidiano deles, como, por exemplo, uma das alunas ao fazer uma história de duas amigas que iam a uma festa no campo; e outra discente que contava sobre a caçada de uma onça, entre tantas outras. Nessa direção,

> [...] os quadrinhos podem ser utilizados na educação como instrumento para a prática educativa, porque neles podemos encontrar elementos composicionais que poderiam ser bastante úteis como meio de alfabetização e leitura saudável [...] como enquadramento, relação entre figura e fundo entre outras [...] e que poderiam se relacionar perfeitamente com a educação (Araújo, Costa & Costa, 2008, p. 27).

Semelhante ao fragmento acima, Eisner (1999, p. 58) afirma que as histórias em quadrinhos contêm elementos que exigem com que "o leitor exerça suas habilidades interpretativas visuais e verbais", ou seja, além de todas as possibilidades baseadas na abordagem triangular, que permite ao aluno ler a obra, apreciar e criar, as HQ com seus elementos verbais e não verbais promovem ao jovem e adulto a possibilidade de melhorar os seus processos de leitura e escrita.

Com base nesse pensamento, podemos explorar as histórias construídas como um interessante recurso pedagógico em sala de aula, fundamental para o desenvolvimento do

aprendizado de jovens e dos adultos camponeses inseridos em classes multisseriadas. É nesse processo que eles podem conseguir amenizar os problemas que apresentam em seus textos verbais aqui relatados (dificuldades para escrever determinadas palavras, por exemplo).

O discurso da turma de EJA sobre as histórias em quadrinhos

Para encaminhar a geração de dados na pesquisa e, consequentemente, ampliar as análises, a aplicação dos questionários ocorreu ao longo das aulas com a turma multisseriada na disciplina de Arte. Porém, socializamos alguns relatos, devido à extensão do artigo, o que não limita as análises construídas neste texto. É importante ressaltar que como as histórias em quadrinhos são uma linguagem constituída de códigos escritos e visuais, entendemos ter sido pertinente elaborar questões a respeito das artes, leitura e escrita.

Primeiramente indagamos a turma sobre o gosto pela leitura, ao perguntar: "Você gosta de ler?" Os alunos responderam:

Aluna "A":
Sim.

Aluna "B":
Adoro ler.

Aluna "D":
Sim, é um desenvolvimento.

O relato da turma foi interessante, pois as histórias em quadrinhos podem ser um dos principais fatores capazes de produzir conhecimento e despertar no jovem e adulto o interesse pela leitura. Um educador que sabe lidar adequadamente com esse gênero pode formar grandes leitores no futuro. Nesse raciocínio, o fato de gostarem de ler pode ter facilitado à aceitação das histórias em quadrinhos trabalhadas com a turma durante a pesquisa, bem como se gostaram de escrever, pois ao serem questionadas sobre isso, responderam que:

Aluna "A":
Sim.

Aluna "B":
Sim.

Aluna "C":
Sim, porque é um desenvolvimento para mim.

Ou seja, conforme seus depoimentos, as histórias em quadrinhos constituem recurso pedagógico importante no processo de ensino e aprendizado deles, por possuir elementos verbais e não verbais que podem ser explorados dentro da construção dos conteúdos curriculares, ao promover a possibilidade do estudante ampliar o seu conhecimento de mundo.

À luz dessas reflexões, os alunos foram questionados sobre o conceito de artes. Assim relataram:

Aluna "A":
Eu acho que arte é uma cultura.

> *Aluna "C":*
> *Arte para mim é uma cultura, o modo de se expressar.*
>
> *Aluna "D":*
> *É uma matéria que amo.*

É possível notar que a maioria dos estudantes entende artes como cultura, o que está em consonância com a literatura científica da área, ao debater que artes não é apenas a expressão de sentimentos, mas também conhecimento, linguagem para dialogar com a realidade e transformá-la. Ou seja, artes também é cultura, conforme Iavelberg (2003, p. 06):

> Arte é uma forma de conhecimento e expressão. Seu ensino tem como objetivo garantir aos alunos acesso ao patrimônio cultural e histórico e possibilitar atos de criação e conhecimento em diferentes linguagens da arte. Fazendo e conhecendo arte na escola o aluno se reconhecerá como leitor competente das obras dos artistas e valorizará o papel da arte na sociedade e na vida dos indivíduos.

Outro ponto importante a ser analisado diz respeito à dificuldade dos estudantes sobre a leitura e a escrita. Assim, quando questionados, responderam respectivamente:

> *Aluna "A":*
> *Eu tenho muita dificuldade para entender e diferenciar palavras que tem S ou C.*
> *Tenho sim, palavras com acento.*
>
> *Aluna "C":*
> *Não, nenhuma dificuldade.*
> *Não.*
>
> *Aluna "D":*
> *Sim.*
> *Para mim não tem dificuldade.*

Identificamos os alunos com maiores dificuldades no que concerne a aprendizagem da leitura e da escrita, como a aluna "A" que, apesar de interagir mais nas aulas, apresenta algumas dificuldades para ler e escrever. Contudo, identificamos que essas dificuldades diminuíram aos poucos, na medida em que os alunos produziam as histórias em quadrinhos (textos verbais e os desenhos), como dito anteriormente. Vale ressaltar que mesmo tendo essas dificuldades, a maioria dos alunos deixa claro em suas falas que gosta de ler e escrever.

Desse modo, o processo artístico deve ser ligado às emoções humanas e a produção de conhecimento, que pode ocorrer por meio do teatro, música, dança e, porque não, das histórias em quadrinhos. Nesse sentido, ao falarmos dessa linguagem no contexto educacional como recurso pedagógico em sala de aula, Araújo, Costa e Costa (2008) nos alertam para o cuidado que o docente deve ter ao usar a HQ em suas atividades escolares, pois deve ter o mínimo de conhecimento sobre o assunto e criatividade para trabalhá-la, além de planejamento prévio para o desenvolvimento das aulas, ou seja, é preciso organizar os

objetivos das aulas e propor atividades contextualizadas de acordo com as especificidades dos alunos.

Com essas análises, fica claro que não há restrições quanto ao uso das histórias em quadrinhos em sala de aula para motivar o aluno em querer aprender, independente se isso ocorrerá na aula de Arte ou não, pois a orientação é quanto ao uso adequado, às competências e habilidades a serem alcançadas e se o professor tem conhecimentos fundamentais para utilizá-la corretamente durante as suas aulas.

Discurso da professora de Arte sobre as histórias em quadrinhos

A professora de Arte é formada em Pedagogia, o que demonstra que ela não tem a formação específica na área para ministrar a disciplina de Arte, fato que parece ser bastante comum nas escolas da região analisada, devido à carência de cursos de formação inicial e continuada em artes.

Ao perguntarmos qual o entendimento da professora sobre o que é artes, ela respondeu:

> *Para mim é tudo. Até porque a gente já tá vivendo no mundo da arte, tudo que você faz na vida é uma arte.*

No relato da professora fica evidente um conceito genérico do que seja artes, pois se dissermos que artes é tudo, estamos descaracterizando essa linguagem como área de conhecimento, o que pode acarretar em um ensino superficial. Em nossa compreensão, o conceito da professora é resultado de um processo de ensino fragmentado e frágil durante a sua docência, devido à carência desses cursos de formação em artes na região pesquisada. Por outro lado, ao ser indagada se artes contribui nos processos de leitura e escrita de seus alunos jovens e adultos, a docente respondeu:

> *Com certeza. Porque você pode trabalhar a dinamicidade da arte dentro da leitura do aluno. Ajuda tanto na leitura como na escrita.*

O relato da docente é importante, pois nos ajuda a compreender que a construção do currículo, tanto do processo de formação do professor, quanto do ensino formal, deve ser estruturado e construído para atender as particularidades do aluno, pois entendemos que "[...] o currículo precisa ser concebido como um projeto em permanente transformação, no qual a visão de educação e o papel da escola são constantemente reorientados, segundo os avanços teóricos e práticos dos temas e das questões a eles relacionados" (Iavelberg, 2003, p. 25). Com efeito, "[...] teoria e prática articulam-se na aprendizagem das artes, o que se aprende no âmbito teórico afeta o que se faz na prática criativa e vice-versa" (Iavelberg, 2012, p. 06).

Seguindo essas reflexões, é necessário também observar que ao mencionarmos a produção de conhecimento em artes, nos referimos às histórias em quadrinhos como uma das possibilidades artísticas de se trabalhar na escola, uma vez que "[...] é possível desenvolver a percepção e imaginação... desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada" (Barbosa, 2003, p. 18). Isso nos leva a entender que nessa área (artes visuais, teatro, dança e música) temos um leque de possibilidades de trabalho significativo, como, por exemplo, as histórias em quadrinhos.

> A arte é um conhecimento interdisciplinar. Além de proporcionar conhecimento para todas as áreas, ela contribui e traz significado para o ensino e aprendizagem na educação escolar. A arte é produção essencialmente humana e, portanto, é importante na escola (Araújo & Oliveira, 2015, p. 692).

O fragmento é importante, pois ao trabalhar artes com a interdisciplinaridade, a educação deve considerar o conhecimento como um todo, com disciplinas que se voltam a alcançar um objetivo comum: desenvolver plenamente o cidadão e proporcionar conhecimento que o auxilie em seu cotidiano e possibilite a ele expressar os seus pensamentos e emoções de modo claro e coerente. Esse é um dos grandes problemas da educação atual: limitar o conhecimento por áreas, isto é: o professor ministra a disciplina de história, mas não pode "cobrar" do aluno que escreva corretamente, ou elaborar uma questão matemática para ensiná-los como contabilizar os séculos, porque isso não faz parte de seu currículo e sim de português e matemática, respectivamente. Falamos tanto que a educação é precária, que a mesma deve melhorar e, no entanto, enquanto docentes, acabamos nos limitando a aprender e a sermos mais conscientes dessa realidade.

É por isso que nas escolas do campo é necessário considerar os saberes e identidades culturais dos jovens e dos adultos, bem como de suas comunidades; de projetos de emancipação nos modos de pensar e agir coletivamente nas comunidades rurais; de reflexões acerca das metodologias utilizadas e que podem contribuir para o avanço da aprendizagem desses educandos; por fim, pensar em formas de superar os preconceitos e discriminações que assolam tantas crianças, jovens e adultos camponeses para que possam, enfim, lutarem por uma consciência de classe (Lopes & Silva, 2018). Isso, em nosso entendimento, tem nas histórias em quadrinhos um meio para que esse processo ocorra efetivamente.

No ciclo em discussão, as políticas públicas de EJA devem garantir financiamento e formas de inclusão que visem à qualidade desse ensino, ao considerar a grande diversidade cultural do estudante dessa modalidade, principalmente no campo, uma vez que o aprendizado dele não se inicia na escola, ao contrário, começou bem antes de voltar a essa instituição. Por isso, seus saberes e conhecimentos devem ser levados em consideração na aprendizagem e no Projeto Político Pedagógico da instituição escolar.

Considerações finais

As ações desenvolvidas na escola do campo pesquisada em Amarante-MA indicam que as turmas de Educação de Jovens e Adultos dessa instituição apresentam dificuldades quanto à leitura e escrita, mas que foram amenizadas depois das leituras e produções de histórias em quadrinhos feitas por esses estudantes, além de ter proporcionado maior envolvimento entre eles no processo de ensino e aprendizagem em Arte. Por outro lado, a frequência nas aulas é escassa devido a tarefas realizadas paralelamente (classe multisseriada). Diante desse cenário, é necessário que os estudantes jovens e os adultos do campo possam ter um ensino voltado ao seu contexto, pois eles têm saberes e experiências que precisam ser consideradas nesse processo, pois jamais devem ser tratados como crianças.

Com as análises construídas nesta investigação, entendemos que as ações ocorridas nessa escola não são muito diferentes de outras localizadas no meio rural, pois as classes multisseriadas, bastante comuns no campo, não devem ter o efetivo exercício de trabalho letivo comprometido pela falta de estrutura, carência de material didático, poucos docentes e auxiliares pedagógicos presentes nessas escolas (Lopes & Silva, 2018). Pois, aquele jovem e

adulto que percorre, na maioria das vezes, quilômetros para chegar até a escola para estudar, não deve ter o seu direito a educação e de permanecer nela negado pelo poder público.

Parece-nos fundamental considerar que o uso de HQ pode ser uma ferramenta essencial para o avanço do processo de ensino e aprendizagem dos alunos na disciplina de Arte, e porque não também em outras disciplinas? Com esse raciocínio, "[...] a 'alfabetização' na linguagem específica dos quadrinhos é indispensável para que o aluno decodifique as múltiplas mensagens neles presentes e, também, para que o professor obtenha melhores resultados em sua avaliação" (Vergueiro, 2016, p. 31).

Ao tomar com base essas análises, é possível inferir que as histórias em quadrinhos proporcionam ao estudante conhecer melhor a cultura material, intelectual e artística de outros povos, além daqueles presentes em seu meio local, assim também como seus modos de vida, tradições, valores e crenças, por meio dos signos visuais e verbais presentes nessas histórias. Com essa linguagem, é possível revelar a identidade cultural de sua localidade e de outros lugares, importantes para o conhecimento cultural e desenvolvimento estético do educando.

Fica assim, evidente, que o trabalho com as histórias em quadrinhos desenvolvidas com os jovens e os adultos foi alicerçado na abordagem triangular, voltada para a produção de conhecimento em Arte, da qual buscou considerar as leituras e produções artísticas realizadas com os discentes por meio das histórias em quadrinhos, bem como o seu contexto de produção. Desse modo, observamos que os alunos, além de estarem empolgados em participar da pesquisa na construção da HQ, realizaram a leitura das histórias em quadrinhos apresentadas a eles e socializaram as suas dificuldades com essas histórias, reconhecendo essa linguagem como forma de ajudá-los a compreender melhor os conteúdos das aulas e a melhorar um pouco mais os seus processos de leitura e escrita.

Consideramos, enfim, que o conteúdo de Arte pode ser eficaz para a aprendizagem via histórias em quadrinhos se o professor possuir o conhecimento e criatividade para utilizar adequadamente essa linguagem na sala de aula. Com efeito, as histórias em quadrinhos são importantes instrumentos metodológicos para o processo de ensino e aprendizagem desses educandos jovens e adultos, no que se refere à aprendizagem da escrita e na motivação para a leitura.

Referências

Araújo, G. C. (2016). Arte/educação no Campo: algumas reflexões. In Silva, C., *et al.* (Orgs.). *Educação do Campo, Artes e Formação Docente* (pp. 147-167). Palmas: EDUFT.

Araújo, G. C., & Oliveira, A. A. (2015). Sobre o conceito de arte e a formação escolar na Educação de Jovens e Adultos. *Revista Histedbr On-line, 63*(1), 189-209. Doi: https://doi.org/10.20396/rho.v15i63.8641178

Araújo, G. C., Costa, M. A., & Costa, E. B. (2008). As Histórias em quadrinhos na educação: possibilidades de um recurso didático-pedagógico. *A Margem: Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2*(1), 26-37.

Arroyo, M. (2007). Políticas de formação de educadores(as) do campo. *Caderno Cedes, 27*(72), 157-176. Doi: http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622007000200004

Barbosa, A. M. (2003). *Inquietações e mudanças no ensino da arte.* São Paulo: Cortez.

Barbosa, A. M. (1994). *Arte-Educação: conflitos e acertos.* São Paulo: Max Limond.

Bogdan, R., & Biklen, S. (2010). *Investigação qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.

Brasil. (2017a). *LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.* Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC.

Brasil. (2017b). *Lei n. 13.415 de 16 de Fevereiro de 2017*. Brasília: MEC.

Brasil. (2017c). *Base Nacional Comum Curricular – BNCC.* Brasília: MEC.

Brasil. (2002). *Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos: Segundo Segmento – Artes*. 3. Brasília: Ministério da Educação: MEC/SECAD. Recuperado de: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundosegmento/vol3_arte.pdf

Brasil. (1971). *Lei n.º 5.692 de 11 de Agosto de 1971*. Brasília: MEC.

Caldart, R. S. (2009). Educação do Campo: notas para uma análise de percurso. *Trabalho, Educação e Saúde, 7*(1), 35-64.

Costa, M. L., & Cabral, C. L. O. (2016). Da Educação Rural à Educação do Campo: uma luta de superação epistemológica/paradigmática. *Revista Brasileira de Educação do Campo, 1*(2), 177-203. Doi: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2525-4863.2016v1n2p177

Dal'Maso, E. M. (2011). *Ensino da Arte sob a ótica de professoras e alunos do ensino médio.* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

Di Pierro, M. C. (2015). Educação de jovens e adultos no Brasil: uma entrevista com a professora Maria Clara Di Pierro. *Revista Percursos, 16*(31), 245-255.

Eisner, W. (1999). *Quadrinhos e arte sequencial.* São Paulo: Martins Fontes.

Erickson, F. (1985). *Qualitative methods in research on teaching*. Michigan: The Institute for Research on Teaching.

Freitas, K. P., & Silva, L. H. (2016). A formação de educadores de jovens e adultos do campo: o que revelam as produções acadêmicas? In Silva, L. H., Musial, G. B., & Macedo, M. S. (Orgs.). *Educação do campo: práticas em educação de jovens e adultos, formação de professores e alternâncias educativas* (pp. 169-192). Barbacena, MG: EDUEMG.

Iavelberg, R. (2012). Ensino de artes deve articular teoria e prática. *Portal do Professor: Jornal do professor*. 66. Brasília: MEC. Recuperado de http://portaldoprofessor.mec.gov.br/noticias.html?idEdicao=77&idCategoria=8

Iavelberg, R. (2003). *Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores.* Porto Alegre; Artmed.

Janata, N. E., & Anhaia, E. M. (2015). Escolas/Classes multisseriadas do campo: reflexões para a formação docente. *Educação & Realidade, 40*(3), 685-704. Doi: http://dx.doi.org/10.1590/2175-623645783

Lima, E. S. (2013). Educação do campo, currículo e diversidades culturais. *Revista Espaço do Currículo, 6*(3), 608-619.

Lopes, W., & Silva, E. (2018). Base de profissionalidade do trabalho docente na Educação do Campo. *Revista Brasileira de Educação do Campo, 3*(3), 810-833. Doi: https://doi.org/10.20873/uft.2525-4863.2018v3n3p810

Machado, M. M. (2016). A educação de jovens e adultos após 20 anos da Lei n° 9.394, de 1996. *Revista Retratos da Escola, 10*(19), 429-451.

Nascimento, G., & Ribeiro, T. M. (2014). Arte na escola - desafios e impasses: um estudo de caso. *In Cantare: Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia*, *6*(15), 49-64.

Oliveira, I. B. (2007). Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA. *Educar*, 29, 83-100.

Santos, M. O., & Ganzarolli, M. E. (2011). Histórias em quadrinhos: formando leitores. *Transinformação, 1*(23), 63-75.

Thiolent, M. (1987). *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez.

Triviños, A. N. (1987). *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.

Vergueiro, W. (2016). Uso das HQs no ensino. In Barbosa, A., *et al.* (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula* (pp. 07-29). São Paulo: Contexto.

Recebido em: 07/02/2019
Aprovado em: 07/05/2019

NOTA:
Os autores foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final a ser publicada.